

Governo prepara captação de US\$ 1 bilhão

Dívida Externa

Celso Junior/AE - 21/5/2004

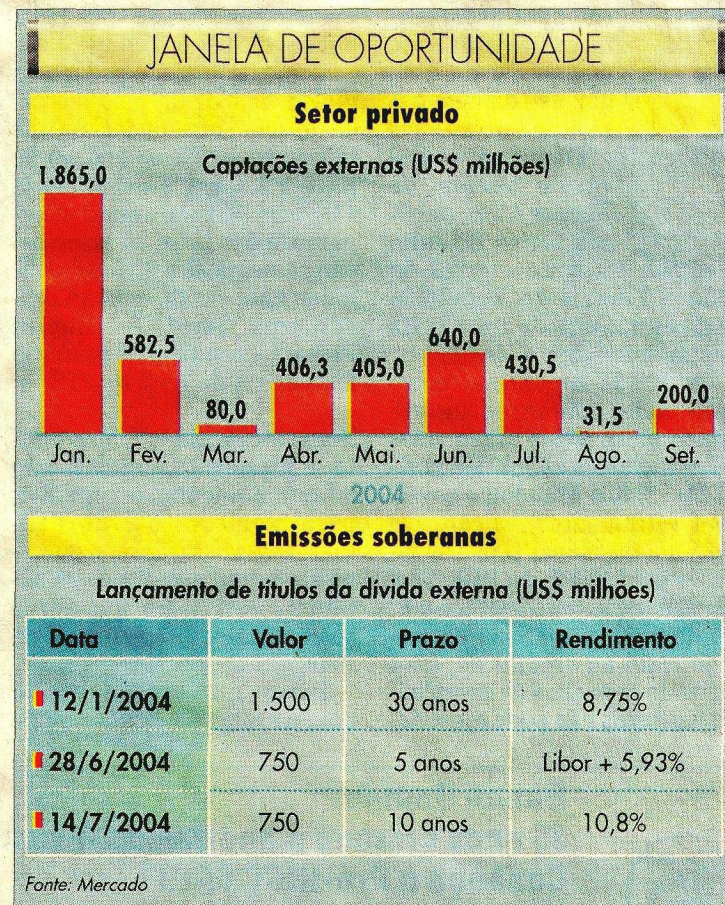
Levy, do Tesouro, confirma operação até o Natal, mas mercado acha que pode sair a qualquer hora

PRISCILLA MURPHY

O momento favorável na economia doméstica permite que o Brasil aproveite a atual "janela de oportunidade" para completar sua necessidade de financiamento para este ano no mercado internacional de títulos de dívida, de US\$ 1 bilhão, ou até para iniciar agora a captação prevista para 2005, dizem analistas. Embora o secretário do Tesouro, Joaquim Levy, tenha feito declarações evasivas ontem na Europa a respeito do lançamento de títulos, o mercado espera para qualquer momento a operação que vem sendo preparada pelo governo.

A especulação de que o Brasil prepara uma emissão de dívida externa já data de algumas semanas, mas se intensificou com o anúncio da série de palestras para investidores europeus encerrada ontem por Levy e pelo diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Alexandre Schwartzman.

Ontem, depois do seminário para investidores em Londres, Levy evitou confirmar a iminência da captação – e não seria de outra forma, dadas as rígidas regras de divulgação de emissões de valores mobiliários. O secretário limitou-se a garantir aos jornalistas que até o Natal o go-



verno vai cumprir a meta de emitir US\$ 4 bilhões em títulos no mercado externo, anunciada para este ano. "Só o mercado vai dizer se será em euros ou em dólares", disse.

Outros fatores também levam os analistas a crer que a nova emissão será feita logo, toda ou em parte em euros, diz Renata Heinmann, economista do Pátria Banco de Negócios. O mais evidente é o vencimento

de € 500 milhões em títulos em 30 de setembro, lembra o economista-chefe do Bradesco, Octavio de Barros. Se não fizer uma captação até o fim do mês, o governo tem de tirar os € 500 milhões para pagar os títulos que vencem das reservas internacionais, considerando que o euro está 20% mais caro que o dólar. Além disso, o governo não capta em euros desde 2001 e a operação serviria de referência pa-



Levy: 'Mercado vai dizer se a captação será em euros ou dólares'

ra captações do setor privado naquele mercado.

"É plausível supor que o governo até inicie o pré-financiamento de 2005, dependendo do ambiente" que encontrar na operação, diz Barros. Compondo a "janela de oportunidade", os juros dos títulos do Tesouro americano estão no menor nível em cinco meses e o Brasil tem uma série de indicadores positivos em que se apoia. "Já são dois

trimestres consecutivos de crescimento exuberante, resultados bons nas contas externas e fiscais e a confirmação da reforma da Previdência pela Justiça", diz Barros. Como resultado, o risco Brasil caiu na segunda-feira para abaixo dos 500 pontos pela primeira vez desde janeiro.

O setor privado brasileiro já começa a aproveitar a janela de oportunidade. "A partir de maio, com a expectativa de au-

mento dos juros americanos, o mercado ficou praticamente parado", diz Antônio Madeira, analista econômico da MCM Consultores. "Timidamente, agora começou a se recuperar."

Enquanto as emissões privadas somaram apenas US\$ 31,5 milhões em agosto, segundo o levantamento de um analista que acompanha as captações, em setembro o Banco Votorantim e o Bradesco já realizaram emissões de US\$ 100 milhões cada e há outras em andamento: o Banco do Brasil está captando US\$ 350 milhões, o Unibanco, US\$ 100 milhões, e a Cath Empreendimentos, US\$ 30 milhões.

Já há quem veja, no entanto, a janela começando a se fechar. Para os economistas do Pátria, o nível baixo dos juros dos títulos do Tesouro americano indica uma fuga de investidores para os valores mobiliários considerados os mais seguros do mundo. "Preocupa-nos o volume expressivo de saída de capitais do País", diz Heinmann. Segundo dados do BC, o saldo de investimentos estrangeiros em carteira estava negativo em US\$ 4 bilhões de janeiro a julho, ante um superávit de US\$ 3,5 bilhões no mesmo período do ano passado.

Entre os fatores que podem fazer o mercado virar estão as incertezas quanto ao ritmo do crescimento americano e a escalada de ataques terroristas no mundo às vésperas das eleições nos Estados Unidos. (Colaborou Clarissa Beretz, especial para o Estado)